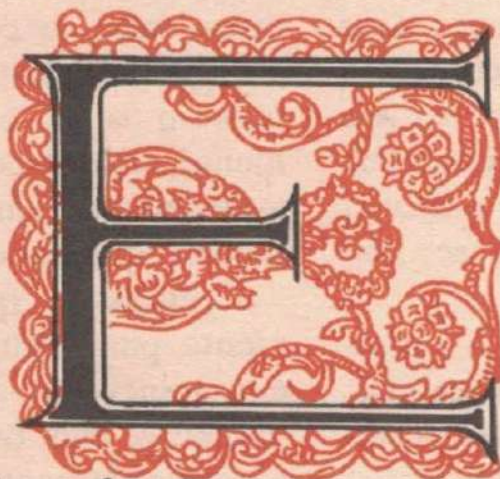


*Entregues entre fumaça e fogo a um povo antigo,
estas normas simples são o guia inspirado
e eterno da conduta moral do homem*

ERNEST O. HAUSER

OS DEZ MANDAMENTOS



todo o monte sinai fumegava porque o senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente... e chamou o senhor a moisés ao cimo do monte. moisés subiu... então falou deus todas estas palavras: eu sou o senhor teu deus...

É ASSIM que o Livro de Êxodo arma o cenário para a importante mensagem dos Dez Mandamentos transmitida por Deus. O Decálogo, ou «Dez Palavras», permanece o nosso código ético fundamental. Pedra angular da lei hebraica, foi adotado de todo o coração pela Igreja Cristã. Juntamente com a Oração do Senhor e o Credo,

as Tábuas da Lei ocupam o lugar de maior destaque nos ensinamentos cristãos.

O encontro do Sinai, que ocorreu por volta do ano 1250 a.C., ergue-se como um marco na história da civilização — no Velho Testamento, o mais importante acontecimento desde a Criação e o Dilúvio. Os israelitas haviam fugido do Egito,

onde tinham sido submetidos ao trabalho escravo. Com poucas provisões, vaguearam pelo deserto a caminho da Terra Prometida. É uma migração lenta, penosa, e eles armam suas tendas de pele de cabra onde quer que encontrem um local que lhes sirva de abrigo. Quem mantém a sua coragem é o heróico libertador, Moisés — uma das maiores e mais inspiradoras figuras da Antiguidade.

De ascendência hebraica, Moisés nasceu e foi educado no Egito. Tendo morto um guarda que espancara um escravo hebreu, fugiu, provavelmente para a Arábia, e aí casou e se instalou, pensava ele, para o resto da vida. Deus, porém, tinha escolhido este homem enérgico, atlético e instruído para outras coisas. Falando de uma sarça ardente, Deus ordena a Moisés que regresse ao Egito para libertar os seus enfraquecidos compatriotas. Moisés obedece — com relutância — e torna-se assim o mediador entre Deus e Israel.

Moisés escala o Monte Sinai e comunga com Deus. Deus dá-lhe duas tábuas de pedra em que Ele escreveu — com os Seus próprios dedos e «em ambos os lados» — os Dez Mandamentos. Moisés desce com eles. Quando chega ao acampamento hebreu, contempla uma cena vergonhosa. Os israelitas tinham fundido os brincos das suas mulheres e feito um bezerro de ouro, um ídolo pagão, que adoravam agora com uma dança cerimonial. Vendo o que se passava, «acendeu-se-lhe

a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte». Somente depois de punidos os culpados, Deus ordenou a Moisés que fizesse duas novas tábuas, inscrevendo nelas os mesmos Mandamentos, desta vez pela sua própria mão.

A Aliança, ou tratado do Monte Sinai, foi um pacto. Do seu grandioso lugar, o Senhor, num ato de graça, ofereceu a mão a Israel. Ele protegerá o Seu povo; eles guardarão a Sua lei. Claramente, algo de imensa importância aconteceu realmente a este povo «de dura cerviz» no seu caminho para Canaã. O que estamos testemunhando é o nascimento de uma nação, tendo Moisés como seu fundador; os viandantes trocam o jugo do Egito pelo jugo de Deus.

A partir de então, a escritura da Aliança será o símbolo da sua nacionalidade. Foi construída uma Arca, ou receptáculo portátil, de madeira folheada a ouro, e as duas pedras ali foram colocadas. Quando as tribos descansavam, um simples santuário — o Tabernáculo — era o abrigo temporário da Arca. Em marcha, levavam a Arca à frente deles, mesmo quando se empenhavam em combates. Até que o Rei Salomão guardou-a no santuário do seu Templo, onde era vigiada por dois querubins de ouro e apenas o Sumo Sacerdote podia entrar uma vez por ano. E aí, presume-se, as pedras foram quebradas e desapareceram com a destruição do Templo, em 587 a.C.

**Eu sou o Senhor teu Deus
que te tirei da terra do Egito,
da casa da servidão. Não terás
outros deuses diante de mim.**

A força do Primeiro Mandamento* deriva do fato de Israel — com o seu obstinado culto exclusivo de um Deus invisível, ratificado entre fumaça e fogo — durante bem mais de 1.000 anos se erguer como fortaleza solitária do monoteísmo num mundo pagão.

«Os judeus», maravilha-se o historiador romano Tácito, «reconhecem um só Deus e concebem-No apenas com os seus espíritos!» Em troca da Sua presença permanente, o Senhor exigiu devoção total — ou, como nas palavras de Martinho Lutero, «todo o coração do homem, juntamente com a sua confiança, só em Deus e em mais ninguém».

**Não farás para ti imagem
de escultura, nem semelhança
alguma do que há em cima
dos céus, nem em baixo na
terra, nem nas águas debaixo
da terra...**

**Não tomarás o nome do
Senhor teu Deus em vão...**

* A Bíblia fala de «Dez» Mandamentos, mas não menciona a sua ordem. Algumas denominações fundem os dois primeiros num só e dividem o último em Nono e Décimo. Os judeus contam a primeira frase como Um e acrescentam a frase seguinte ao número Dois.

Ecos de velhos tabus repercutem nestes dois Mandamentos. Os povos primitivos, até hoje, tendem a ligar nomes a magia — pronunciar o nome de alguém, sente-se, confere o domínio sobre essa pessoa. O mesmo se aplica à posse da «imagem» de uma pessoa, desde a figura de barro à moderna fotografia. Então, absteve-vos! Deus deve ser soberano e livre — magia nenhuma deve interpor-se. O Seu nome não será pronunciado fora do ato de adoração; Sua efígie não será feita ou «reverenciada».

À medida que Israel evoluiu para uma civilização mais complexa, a norma secundária que proíbe a reprodução de «coisas» — talvez em imitação da criação do Senhor — caiu por terra. Sabe-se que o próprio Templo de Jerusalém era decorado com leões esculpidos, palmeiras, árvores e flores. Todavia, através dos séculos, nenhum punhado da terra palestina revolvida por arqueólogos ansiosos jamais revelou uma imagem do Senhor.

**Lembra-te do dia de sábado
para o santificar...**

A Bíblia oferece-nos duas versões do Decálogo, em Êxodo 20 e em Deuteronômio 5. Na versão mais conhecida do Êxodo, somos lembrados do motivo por que o sábado deve ser observado: o fato de o próprio Deus ter trabalhado seis dias para fazer o mundo, e ter descansado no sétimo. É assim que, em respeito ao repouso de Deus,

o homem «retempera-se» no fim da semana. Poucas leis antigas tiveram um impacto tão profundo como um dia «santificado» em cada sete. Com a que estabelece a proibição de «qualquer trabalho» de amo ou servo, o Quarto Mandamento tem constituído um estímulo para a nossa legislação social.

**Honra a teu pai e a tua mãe,
para que se prolonguem os
teus dias na terra que o Senhor
teu Deus te dá.**

Até aqui, o Decálogo tem tratado da relação do homem com Deus. Agora volta-se para as relações do homem com o homem. E o Quinto Mandamento forma uma ponte, porque, ao honrarmos nossos pais, honramos também o Pai Eterno nas suas pessoas. Este belo Mandamento é dirigido não apenas aos jovens, mas também aos adultos, e é considerado como abrangendo o dever de bondade para com os nossos filhos. Suas implicações sociais são profundas. Ao mostrar piedade pelos nossos pais, incluindo os velhos e os desvalidos, cada geração ajuda a manter a estrutura da família e de toda a comunidade. Se Israel sobreviveu, deve-o, em grande parte, ao fato de ter observado esta lei moral.

**Não matarás.
Não adulterarás.
Não furtarás.
Não dirás falso testemunho
contra o teu próximo.**

O ritmo rápido destes quatro Mandamentos possui um som peculiar, magnetizante. Aqui, estamos diante da forma primitiva do Decálogo — uma relação sumária dos «sins» e dos «nãos» correspondentes às palavras reais das tábuas de Moisés.

«O texto do Decálogo, tal como o conhecemos, contém 620 letras hebraicas», disse-me um importante estudioso da Bíblia. Com esse texto todo, as tábuas de pedra teriam sido tão grandes que nem Moisés teria conseguido arrastá-las montanha abaixo! Os acréscimos são, muito provavelmente, resultantes de determinações sacerdotais em casos específicos. Todavia, os Mandamentos desde o Sexto ao Nono ainda se mantêm originais — intocados pelo tempo, ainda mais solenes pela sua brevidade.

**Não cobiçarás a casa do teu
próximo, não cobiçarás a
mulher do teu próximo, nem
o seu servo, nem a sua serva,
nem o seu boi, nem o seu
jumento, nem coisa alguma
que pertença ao teu próximo.**

Os Dez Mandamentos eram um código de conduta moral. Respeito pela vida humana, pelo casamento, pela propriedade e reputação eram condições mínimas de sobrevivência numa sociedade primitiva e fechada. A parte final do Decálogo sugere uma proposição mais sofisticada e temos um vislumbre rápido e dramático da transição da vida no

deserto para uma comunidade com raízes — a Terra Prometida, com «boi» e «jumento» e «casa».

Mas o aspecto mais revolucionário do último Mandamento é o seu apelo ao que de melhor existe em nós: «Não cobiçarás.» Existe aqui uma nova visão moral. Enquanto os quatro Mandamentos anteriores se dirigem a atos maldosos, o pecado da cobiça é perpetrado no *espírito* do homem. Pede-se-nos que policiemos os recônditos segredos do nosso coração. Era preciso um povo com um extraordinário senso moral para acatar este severo preceito que persegue a fera até à sua loca recôndita.

Os Dez Mandamentos nada ofereciam além da ira do Senhor. Embora vários dos erros que mencionam — como adultério e assassinato — fossem punidos com a morte pelas leis hebraicas, o Decálogo não é um código penal. O pecado contém o seu próprio castigo. Ou, nas palavras de advertência de Moisés: «O teu pecado te encontrará.» O juri está na consciência de cada um.

Sob esta luz, os Dez Mandamentos são uma obra-prima de legislação. Mais os estudamos, mais nos maravilhamos com a área que abarcam: não podemos ser bons — ou maus — fora deles!

Os Dez Mandamentos são o elo vivo entre o Velho e o Novo Testamento. Cristo é visto como um novo Moisés: «Não penseis que vim revogar, vim para cumprir.»

Jesus foi educado nos Mandamentos, e sabia-os de cor. «Se queres herdar a vida eterna, guarda os Mandamentos», disse Ele bruscamente a um jovem que buscava conselho. Todavia, no Seu ministério, foi muito mais além da aceitação mecânica das «Dez Palavras». Via-as não apenas como normas rígidas a serem observadas, mas como um passo no sentido de um conceito totalmente novo — a lei cristã do amor.

Quando Lhe perguntaram qual o maior Mandamento, Jesus respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois Mandamentos dependem toda a lei e os profetas.» Depois, a 24 horas da Sua morte: «Novo Mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros.»

Assim, pouco a pouco, Cristo deu aos Dez Mandamentos uma nova dimensão, até brilharem com uma pura luz espiritual. Sua antiga qualidade de intimidação, nascida de fumaça e fogo no Monte Sinai, é agora eclipsada pela esperança. Mas permanece o seu valor como padrão moral universal.

Hoje, quando nos voltamos para esta antiga superlei, encontramos dez respostas simples a uma multidão atordoante de problemas. Apenas uma pergunta permanece sem resposta: «Possuímos a força — conseguiremos encontrá-la — para viver por estas 'Dez Palavras'?»